

Entre a curva da invisibilidade e a ladeira da exclusão: ser criança, brincar e resistir.

Gabriela de Freitas Xavier.

Cita:

Gabriela de Freitas Xavier (2025). *Entre a curva da invisibilidade e a ladeira da exclusão: ser criança, brincar e resistir*. 33º Simpósio Nacional de História. ANPUH - Associação Nacional de História, Belo Horizonte.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/gabifx77/2>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pQWK/dA7>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



ENTRE A CURVA DA INVISIBILIDADE E A LADEIRA DA EXCLUSÃO: SER CRIANÇA, BRINCAR E RESISTIR

GABRIELA DE FREITAS XAVIER*

Introdução

Na comunidade Porto do Capim, em João Pessoa, onde pesquiso com – e também a partir das – crianças, uma gincana cultural foi realizada em fins de agosto de 2024, e eu fui gentilmente convidada para ser jurada. Essa gincana fez parte de uma ação das lideranças da comunidade com o objetivo de atrair a juventude local para participar ativamente do processo de desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária e, conseqüentemente, da luta em defesa desse território.

O Turismo de Base Comunitária do Porto do Capim, chamado Vivenciando o Porto, se desenvolve na região desde 2016 e é fruto de ações mediadas pelo Coletivo Garças do Sanhauá e pela Associação de Mulheres do Porto do Capim, atendendo tanto a turistas quanto a moradores da cidade de João Pessoa, promovendo uma excursão pela comunidade no intuito de evidenciar a importância do seu povo, da preservação do seu ecossistema e do seu território, relevantes para a história da Paraíba. (GONÇALVES, 2021:15)

Tendo como foco de estudos a participação de crianças, adolescentes e jovens da região do Porto do Capim enquanto atores políticos, sociais, culturais e sujeitos de direitos na defesa deste território, este trabalho etnográfico objetiva apresentar as contribuições e vantagens que uma gincana cultural incita, ao despertar o interesse desses agentes, para que participem ativamente de ações pela proteção do território ribeirinho, uma área urbana e constantemente ameaçada em razão de severas transformações ambientais e sociais por parte do poder público local.

Um velho porto cheio de vida

Localizado no bairro do Varadouro, na chamada Cidade Baixa, o Porto do Capim encontra-se praticamente isolado pela ladeira de São Frei Pedro Gonçalves, pela curva acentuada da rua João Suassuna, e é ainda cortado bruscamente pela linha férrea. Porém, sua importância histórica e patrimonial lhe confere o título de “berço”¹ da História da Paraíba, por

* Historiadora e Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB.



compreender uma antiga área portuária que serviu de porta de entrada para os colonizadores que, não conseguindo conter a invencibilidade dos povos nativos, firmaram um “acordo de paz” e, em 1585, fundaram a cidade (MELLO, 2002:29).

O nome Porto do Capim decorre do antigo porto, cuja obra foi abandonada no início do século XX devido ao crescimento urbano voltado para a praia e ao deslocamento do porto para a cidade de Cabedelo, deixando trabalhadores e pescadores que habitavam a região abandonados e marginalizados (BRAGA; MORAES, 2016:25-27). Ali, restou o mato e alguns resquícios do que seria o início da construção do porto, como estacas fincadas no mangue.

Contudo, os moradores e trabalhadores que chegaram na esperança de trabalhar no porto, não se intimidaram com o abandono. Pequenos nichos sociais foram criados ao longo do que denominamos Comunidade Porto do Capim, como Praça XV, Vila Nassau, Porto, Frei Vital, e as famílias que ali viviam (e vivem), construíram sua própria identidade, sua cultura, suas tradições (GONÇALVES, 2021:7).

A fim de contestar as justificativas dos poderes públicos e privados, que pretendiam (e ainda pretendem) tirá-los do ambiente em que vivem há décadas visando a implementação de um projeto de revitalização com cunho turístico, a comunidade passou a evidenciar a importância de seus hábitos, costumes e tradições por meio de associações comunitárias, como a Associação de Mulheres do Porto do Capim e o Coletivo Garças do Sanhauá, de festejos religiosos, como a festa dedicada à Nossa Senhora da Conceição, de atividades culturais como as do grupo folclórico As Comadres, e também com o Turismo de Base Comunitária, mostrando que ali, descendo a ladeira, há vida!

Ao longo de quase 80 anos, a comunidade do Porto do Capim tira do local seu sustento, professa sua fé e expressa sua cultura, adquirindo um jeito próprio de viver diante da invisibilidade proporcionada pela ausência de políticas públicas que outrora (e ainda hoje) lhes foram negadas. Assim, as crianças do Porto do Capim, em João Pessoa, já nasceram em meio aos embates com o poder público, que almeja tirá-las de seu espaço e de seu lugar.

Michel de Certeau (2008:199-207), em *A Invenção do Cotidiano*, apresenta uma distinção relevante para os conceitos de “lugar” e “espaço”, necessária para entender como os

¹ 'Berço' de João Pessoa, Porto do Capim resiste ao avanço do rio para o mar
<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/berco-de-joao-pessoa-porto-do-capim-resiste-ao-avanco-do-rio-para-o-mar.ghtml>



indivíduos interagem e moldam o ambiente em que vivem. A característica principal para “lugar”, segundo Certeau, é a estabilidade, a ordem, a previsibilidade, uma configuração de posições, onde cada elemento tem seu lugar fixo e definido.

Já o “espaço” seria o campo do movimento, das ações e das práticas dos indivíduos que, ao se moverem e interagirem, transformam o lugar. Para Certeau (2008), espaço e lugar não são categorias separadas, mas sim dimensões interligadas. “Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” (CERTEAU, 2008:202).

“Sejam crianças ricas ou pobres, ruas e praças são *locus* especiais para brincadeiras” (SARAIVA, 2020:94). Se hoje brincar na rua é um privilégio, as crianças no Porto do Capim mantêm a rua como espaço de lazer, sociabilidade e resistência. A realização de uma gincana cultural promovida pela ação de lideranças comunitárias buscou dar movimento (CERTEAU, 2008:199-207) ao Porto do Capim por meio do engajamento de crianças, adolescentes e jovens.

Atribuindo funções que perpassam o brincar e o aprender, atividades como essa gincana têm o intuito de despertar, mediante os desafios propostos nas competições, o interesse da juventude em fazer parte como agentes ativos no processo de organização política e comunitária em defesa da população ribeirinha.

Isso faz com que a marginalização e a invisibilidade pela sociedade em geral e pelo poder público que, frequentemente, tenta transformar a região em um polo turístico² com o propósito de atrair grandes empresas e investimentos, perca força devido à perseverança de moradores que conseguem, aos poucos e com muito enfrentamento, reestruturar projetos e revertê-los em favor da comunidade³.

Ser criança e brincar: isso é participar!

² Justiça Federal suspende obras no Parque Sanhauá na comunidade do Porto do Capim em João Pessoa. Decisão judicial desta quinta-feira (27) suspende obra e determina audiência para março para buscar conciliação amigável para impasse. Prefeitura afirmou não ter sido notificada oficialmente da decisão. <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/02/27/justica-federal-suspende-obras-no-parque-sanhaua-na-comunidade-do-porto-do-capim-em-joao-pessoa.ghtml>

³ Governo Federal anuncia investimento de R\$ 100 milhões para projeto no Porto do Capim, em João Pessoa. Capital paraibana foi selecionada no Novo PAC Seleções, dentro da modalidade "Periferia Viva - Urbanização de Favelas", que vai investir R\$ 5,2 bilhões em 48 municípios de 21 estados diferentes. <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/05/08/pac-selecoes-joao-pessoa-porto-do-capim.ghtml>



4

Em 2022, final da pandemia de Covid-19, houve a primeira realização da gincana, quando a comunidade foi contemplada pelo edital para ações emergenciais destinadas ao setor cultural, a Lei 14.017/2020 (Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc), onde uma das exigências era a realização de um evento e, com isso, nasceu a proposta da Gincana Cultural, cuja idade mínima para participar é 13 anos.

Segundo entrevista concedida por Rossana Holanda, liderança comunitária do Porto do Capim, denominar essa atividade de Gincana foi uma maneira de atrair os adolescentes e jovens, pois se fosse chamado de Evento Cultural, por exemplo, talvez não houvesse tanto interesse desse segmento etário. O foco em atrair um público mais velho fez-se diante da necessidade de engajá-los no processo de organização política, social e cultural em defesa da comunidade.

Em sua segunda edição, na qual fui jurada, o recurso foi proveniente de uma premiação voltada para o Turismo de Base Comunitária ocorrido durante o evento *ExpoFavela Innovation*⁴, uma feira brasileira de negócios voltados para empreendedores de favelas, cujo objetivo é dar visibilidade e fomentar negócios para moradores de favelas de todo o Brasil.

Nesta última premiação, a comunidade deveria realizar atividades voltadas para a promoção do turismo, como melhoria na sinalização e requalificação de espaços, construção/reforma de bancos, praças, pintura e confecção de placas, além de tarefas em geral que pudessem fomentar o turismo na região. Para tanto, visando integrar os adolescentes e jovens, surgiu a proposta de associar essa atividade à da Gincana Cultural de 2022.

Gincanas são atividades comuns em ambientes pedagógicos, como nas escolas, por exemplo, onde desafios mediante o cumprimento de tarefas sobre determinados conteúdos medem as habilidades e competências das equipes. A gincana é uma maneira de se trabalhar a aprendizagem de determinados assuntos de forma lúdica e divertida (RAMOS, 2023:31-48).

O dia escolhido para a realização da etapa à qual participei como jurada foi um sábado, mais precisamente dia 24 de agosto de 2024. Os participantes foram chegando aos poucos ao local do evento, um espaço fechado, com uma ampla área cimentada, muitas cadeiras e mesas espalhadas, um banheiro, uma copa, uma caixa de som com dois microfones, papéis e lápis para os jurados, *kits* que seriam distribuídos para os participantes, balões para a dinâmica da divisão das equipes, feijoada, suco de caju e água à vontade.

⁴ <https://expofavela.com.br/sobre/>



Para a divisão das equipes, um representante da comissão organizadora chamava os inscritos, um por vez, para estourar um balão à sua escolha. Dentro do balão estava um papel com o nome da equipe ao qual iria participar. Foram quatro equipes competidoras – aproximadamente 30 inscritos (entre adolescentes, jovens e alguns adultos) – e cada uma recebeu o nome de um crustáceo comum na região: uçá, siri, aratu e goiamum.

Os participantes receberam um *kit* contendo camiseta com o nome da equipe e o desenho do crustáceo, uma pequena bolsa tiracolo e algumas cédulas de remo, moeda local, as mesmas distribuídas aos turistas quando realizam o Vivenciando o Porto, como é conhecido o Turismo de Base Comunitária da região, servindo para “comprar” água, dindin⁵, cocada e outros itens ao longo do passeio.

O Vivenciando o Porto consiste num passeio por toda a extensão da Comunidade Porto do Capim, acompanhados de membros da Associação de Mulheres do Porto do Capim e do Coletivo Garças do Sanhauá (GONÇALVES, 2021:15). Os participantes conhecem um pouco da história do local, da religiosidade, das músicas, da cultura, do folclore, conversam com alguns moradores - que explicam há quantas gerações vivem ali - visitam o trapiche, o mangue, caminham pelas ruas, ruelas e becos, aprendem sobre a lenda da Comadre “Fulôzinha”, observam as construções antigas e abandonadas pelo Poder Público, como armazéns e alfândega, e trocam seus remos por insumos locais.

Assim, uma das provas da gincana consistiu na realização do Vivenciando o Porto pelos jovens participantes. Na companhia dos jurados, dos representantes do Coletivo Garças do Sanhauá e da Associação de Mulheres do Porto do Capim, eles ainda foram contemplados com a presença de duas historiadoras convidadas para explicar a importância histórica, cultural e patrimonial da região.

Durante o *tour*, foi possível observar os jovens cumprimentando os mais velhos com respeito e muitas crianças lhes pedindo a bênção, a exaltação aos sobrenomes das famílias, apontando quem morava em determinada localidade e há quantas gerações já habitam o lugar. Em algumas casas, via-se logo na entrada uma placa com registro do ano de chegada da família ao Porto.

⁵ Também conhecido como sacolé, chupe-chupe, geladinho, flau e outras denominações, dependendo da região.



Ao longo do percurso, as placas eram informativas, mas também assinalavam, por exemplo, a divisão harmoniosa do espaço entre uma igreja católica e um terreiro. Durante o tempo de parada prolongado no trapiche todo colorido, decorado e cheio de canoas, percebemos a conexão dos moradores com o rio e o orgulho em demonstrar, sempre com placas informativas, que ali está o Rio Sanhauá e um Território Ribeirinho.

Já na última parte do passeio, a contemplação do mangue. Ao mesmo tempo, crianças, adolescentes e jovens escutavam atentamente as explicações das historiadoras, trocavam seus remos por dindins e água, e interagem cantando, dançando, brincando em balanços e assobiando para a Comadre “Fulôzinha”, figura lendária típica do folclore nordestino - protetora das matas.

Apesar do foco em um público mais velho, com idade mínima de 13 anos, havia um número grande de crianças menores de 13 anos envolvidas nas atividades. Como o Coletivo dispunha de poucas pessoas para coordenar as tarefas com diversas faixas etárias, Rossana Holanda afirmou que elas foram acolhidas na chamada participação “café com leite” (uma forma de inclusão que, embora não contasse pontos na competição, valorizava sua presença). Dessa forma, ajudaram tanto no apoio à coordenação, quanto na torcida, no grito de guerra, acompanharam as equipes durante as tarefas e ainda lancharam junto com os competidores.

“Café com leite”, sim! Subestimadas, não!

A participação “café com leite” é uma fase de adaptação de crianças nos jogos e brincadeiras, como uma transição da condição de “iniciante” ou “não-plenamente capaz” (quando a criança é muito pequena para entender as regras de um jogo, ou não tem força e habilidade suficiente para competir com todos numa brincadeira), para a de maior competência em lidar com regras, habilidades e força. Com isso, para que crianças pequenas não sejam excluídas de brincar ou de jogar, ela é normalmente inserida pelas crianças mais velhas nessa condição denominada “café com leite” (BELISÁRIO, 2021:275-279).

Importante destacar que, mesmo as crianças menores de 13 anos participando na condição de “café com leite”, relatada por Rossana Holanda, elas não tiveram suas habilidades e competências subestimadas. O fato de serem inseridas nessa condição foi por uma questão financeira, já que o recurso adquirido por meio do *ExpoFavela Innovation* não foi suficiente para envolver todos os segmentos etários. Além disso, o objetivo do evento era atrair jovens



7

para participarem do Coletivo de Jovens Garças do Sanhauá e do Turismo de Base Comunitária da região.

Após o *tour*, as equipes retornaram ao local do evento para o último desafio do dia, o “torta na cara”, que consistia em responder aos questionamentos elaborados de acordo com as explicações das historiadoras durante o passeio. Dois membros, cada um representando sua equipe, disputavam uma pequena corrida até uma garrafa de plástico e o primeiro a segurá-la, tinha direito a responder à pergunta realizada por um dos jurados.

Se a resposta estivesse correta, pontuava para a equipe, caso contrário, recebia uma “torta” na cara - um *chantilly* na cor verde -, para a alegria das crianças “café-com-leite” (BELISÁRIO, 2021:275-279) atentas às perguntas e respostas, na expectativa do erro, apenas para ver a torta na cara dos jovens e, se possível, aproveitar as sobras de *chantilly* dos pratos, sujando os dedos para lambê-los.

Contudo, as crianças estavam presentes em vários pontos, sem serem obrigadas a seguir as regras, porém isso “não significa que as crianças não saibam jogar/brincar, mas sim que compreendem uma participação específica” (BELISÁRIO, 2021:278). Pires (2008:133-151), analisando diversos autores e teorias, e abordando a intersecção entre estudos de infância e religião, explora a ideia de crianças como agentes ativos na construção de suas próprias culturas e na reprodução e modificação da sociedade.

As crianças são parte da sociedade e, quando digo isso, não retiro a agência infantil; pelo contrário, afirmo-a. As crianças têm suas particularidades na forma de conceber e experimentar o mundo: é sábio não negligenciá-las. Mas no mundo, o que opera são as relações entre as pessoas, sejam adultos ou crianças. Ambos são parte da sociedade, com inserções diversificadas e, portanto, com pontos de vista diferentes que devem ser explorados para se chegar a um retrato mais fiel de uma comunidade. Não acredito que a opção teórica que fiz retire o poder das crianças. A agência, me parece, é uma condição do indivíduo em sociedade, não importa que categoria de indivíduo. (PIRES, 2008:141).

Assim, entendemos que para as crianças menores de 13 anos, a gincana apresentou-se como um movimento capaz de transformar o lugar (CERTEAU, 2008:199-207). Foi um espaço de participação ativa, permitindo que elas exercessem a sua agência, expressando suas opiniões, agindo, criando e modificando o mundo ao seu redor (PIRES, 2008:133-151). Ademais, a gincana, enquanto ferramenta para a pesquisa com (e das) crianças, permitiu o acesso a informações, opiniões e conhecimentos de forma lúdica e criativa.



As demonstrações práticas das crianças, adolescentes e jovens, ao respeitarem e tomarem a bênção aos mais velhos, ao contemplarem o ambiente em que vivem, ao ouvirem atentamente as explicações acerca da história local, da lenda da Comadre “Fulôzinha”, ao cantarem canções que exaltam a comunidade e o respeito religioso, ajudam a redefinir o “lugar” do Porto do Capim em um “espaço” de resistência e cidadania.

Considerações Finais

A gincana cultural contribuiu para o ativismo e para o empoderamento da comunidade mediante atividades envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos, isto é, na relação que essas pessoas estabelecem entre si e entre outros elementos, neste caso, envolvendo todos os espaços do local, no intuito de dar continuidade à luta em defesa do território ribeirinho mediante o fortalecimento do Turismo de Base Comunitária.

Já com relação aos adolescentes e jovens, segundo os membros do Coletivo Garças do Sanhauá, esse processo de gincana tira a juventude das telas e a traz para disputas saudáveis e enérgicas, com a realização de atividades manuais, intelectuais e artísticas, na intenção de dar visibilidade ao Turismo de Base Comunitária e, por outro lado, atrair e motivar esses adolescentes, bem como jovens e adultos, a buscar engajamento na luta pela melhoria da comunidade.

Assim, a gincana está alinhada aos objetivos de políticas públicas para promover a participação infantil, discutido em Sarmiento, Fernandes e Tomás (2007:4-18), pois ao compreender o evento a partir dos três âmbitos de participação política propostos pelos autores (movimentos sociais, intervenção local e ação político-educacional), percebe-se que, enquanto atividade lúdica e cultural, a gincana contribuiu e contribui tanto para o desenvolvimento de competências políticas quanto para a formação de crianças e jovens ativistas.

Além disso, de maneira geral, a comunidade fica envolvida com as disputas até mesmo depois que a gincana termina e, na esperança de que a próxima seja realizada, gostam de promover provocações inofensivas, a título de brincadeira, sobre o desempenho das equipes.

Portanto, este trabalho etnográfico buscou demonstrar o quanto a Gincana Cultural no Porto do Capim, ao fomentar a participação ativa de crianças, adolescentes e jovens, revela-se um espaço forte de construção de cidadania e defesa do território, permitindo que os



participantes se apropriem do seu lugar, ressignifiquem seus símbolos e valores, e afirmem sua identidade.

Referências:

BELISÁRIO, Gustavo. Café-com-leite, piques e gigantes: brincando no acampamento Canaã (MST – DF). *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 255-283, maio/ago. 2021.

BRAGA, Emanuel Oliveira; MORAES, Carla Gisele Macedo S. M.. Porto do Capim: lutas e estratégias de existência de uma comunidade ribeirinha no centro histórico de João Pessoa/PB. *Revista Ñanduty*, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 20-52, jul. 2016. ISSN 2317- 8590.

BRASIL. Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre as ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 158, n. 124, p. 11, 30 jun. 2020.

CALDAS, Phelipe. Governo Federal anuncia investimento de R\$ 100 milhões para projeto no Porto do Capim, em João Pessoa. *G1 Paraíba*, João Pessoa, 08 de maio de 2024. Disponível em <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/05/08/pac-selecoes-joao-pessoa-porto-do-capim.ghtml>> Último acesso: 17/08/2025.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GONÇALVES, Helena Tavares. Mulheres em ação e categorias em movimento: a luta pelo território na comunidade ribeirinha do Porto do Capim. *Artigos - Dossiê Território, Gênero e Interseccionalidades*. *Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.* 23. Jan-Dec 2021. <<https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202125>> Último acesso em 21/08/2025.

MELLO, José Octávio de Arruda. *História da Paraíba: Lutas e Resistência*. 9ª ed. João Pessoa: A União, 2002.

PIRES, Flávia. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. *Cadernos de Campo*, São Paulo. 2008, n. 17, p. 133-151.

Justiça Federal suspende obras no Parque Sanhauá na comunidade do Porto do Capim em João Pessoa. *G1 PB*, 27/02/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/02/27/justica-federal-suspende-obras-no-parque-sanhaa-na-comunidade-do-porto-do-capim-em-joao-pessoa.ghtml>> Último acesso: 17/08/2025.

RAMOS, Ivane Câmara Brandão. Gincana da aprendizagem como prática pedagógica facilitadora no ensino da língua portuguesa. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do*



Conhecimento. Ano. 08, Ed. 04, Vol. 01, pp. 31-48. Abril de 2023. ISSN: 2448-0959.
<<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/gincana-da-aprendizagem>> DOI:
10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/gincana-da-aprendizagem Último acesso:
21/08/2025.

RESENDE, André. 'Berço' de João Pessoa, Porto do Capim resiste ao avanço do rio para o mar. G1 Paraíba, 05 de agosto de 2017. Disponível em
<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/berco-de-joao-pessoa-porto-do-capim-resiste-ao-avanco-do-rio-para-o-mar.ghtml>> Último acesso: 14/08/2025.

SARAIVA, Marina R. (2020). O. Por que eu tenho que brincar na rua? Reflexões éticas, metodológicas e epistemológicas sobre um percurso de pesquisas com crianças nas cidades. Revista Humanidades e Inovação. Palmas, v. 7, n. 28. Dez 2020. Disponível em:
<<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2729>> Último acesso: 18/02/2025.

SARMENTO, M.J; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina (2007). Políticas públicas e participação infantil. Revista Educação, Sociedade e Culturas. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE) nº 25: 183-206, 2007. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/36753>> Último acesso: 27/02/2025.